

CINE-JORNAL

ANO I-N.º 23 — 23 DE MARÇO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$



GLÓRIA
STIVART

Neste número: A crítica de «TEMPOS MODERNOS» (do nosso enviado especial a Madri



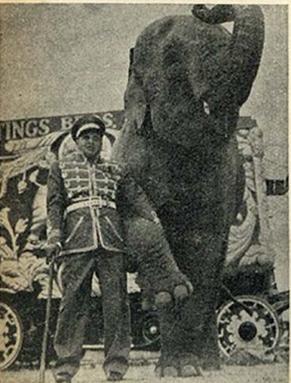
Cecilia Parker pratica, alegremente, os Desportos de Inverno



Uma cena dramática de «Os últimos dias de Pompeio»



Jean Harlow, a trepidante laira platinada, ensaia bailados para um novo filme



Wallace Beery, damador de elefantes, no filme «O garoto do Circo»

Os filmes da semana

Indicações para o exibidor e para o público

Bozambo — O Continente negro tem sido pródigo nos assuntos para filmes. A África, devassada de lés a lés, pelos *camaraten* de todo o mundo, explorada em mil e um «cenários», mais ou menos convencionais — dificilmente oferece já motivos que interessem o público. *Bozambo* afasta-se do que temos visto, o mais possível.

Nó entanto, tem, como não pode deixar de ser, motivos idênticos a obras, no género que a precederam. A realização é correcta, limpa, e soube imprimir a grandiosidade precisa, a esta história que loca a eterna luta entre o espírito colonizador dos brancos e a rebeldia natural dos negros. Algumas paisagens são notáveis pela sua beleza, e as cenas de batalha empolgam. (Estreado no Tivoli. Distribuição da Sonoro Filme).

Corações Desfeitos — Um grande filme e dois intérpretes geniais. Charles Boyer e Katharina Hepburn compõem um dos pares mais notáveis que temos visto. Representam com sobriedade, com uma convicção assombrosa — e dominam por completo o público, que não pode deixar de se sentir maravilhado, ao vê-los. O argumento tem um interesse incogável e a história de amor que nos conta é valorizada ao máximo pela interpretação prodigiosa dos dois artistas principais. Enfim: um filme de agrado certo — e com um interesse formidável. (Estreado no São Luiz. Distribuição da Aliance-Filmes L.da).

Mazurka — Outro filme de grande classe de Willy Forst, o realizador de *Sinfonia Incompleta* e de *Mascarada*. *Mazurka* é não só a confirmação brilhante das qualidades de realizador famoso, como ainda um dos grandes, um dos mais belos filmes da temporada. Como *Mascarada*, a anedota baseia-se num caso verídico. E é espantosa de interesse, a história pungente que o filme nos conta e que tem como heroína, Pola Negri, que faz uma reparação sensacional! A seu lado Ingaborg Tekk, uma promessa que é já uma excelente realidade. (Estreado no Palácio e Odéon. Distribuição da Sonoro Filme).

O Barqueiro do Volga — O filme não é, como muitos julgam, a reedição da obra de Cecil B. de Mille, do mesmo nome. A história passa-se também na Rússia, nas margens do Volga, onde os barqueiros puxam a sirga, ao som da melopodia triste, os pesados batelões — mas nada tem que ver com a da obra do realizador de *Rei dos Reis*.

Mas, pelo facto, o filme não deixa de ter qualidades próprias que o impõem como bom espectáculo, e qualidades artísticas que lhe asseguram lugar à parte, na produção francesa.

Pierre Blanchard, Vera Korene e Charles Vanel interpretam os principais papéis, com muito brilho. (Estreado no Condes. Distribuição de Filmes Castelo Lopes L.da).

FILMES INTERDITOS

Em Berlim, o filme *O Correo do Tzar*, versão alemã do filme que Richard Eichberg extraiu de *Miguel Strogoff*, o famoso romance de Júlio Verne, foi interdito por 15 anos.

O filme soviético *Potemkin* foi proibido também no Estado Livre da Irlanda, depois de haver sido autorizada a sua exibição.

Les Dammés de Sante Marie, filme inglês que se devia exhibir, no «Edouard VII», de Paris, não obteve o visto da censura, em virtude de focar tendenciosamente a vida nas prisões.



A hora alegre da conclusão do trabalho de cada dia! Do esquerdo para a direita: Herbert Marshall, Ann Harding, Edmund Goulding (realizador), Mcureen O'Sullivan e Louis Hayward

OS PREMIOS DA ACADEMIA

«O Denunciante» ganha quatro prémios — «Revolta a Bordo», o melhor filme do ano! — Victor Mac Laglen e Bette Davis, os melhores intérpretes

Como anunciámos, realizou-se no dia 5 do corrente, no Hotel Biltmore, de Hollywood, o banquete anual da Academia Americana das Artes e Ciências Cinematográficas, para votação dos melhores trabalhos cinematográficos de 1935. Ao banquete assistiram perto de 1.000 associados, de todas as classes da indústria cinematográfica.

Os resultados da votação foram os seguintes, conforme a nota incompleta que demos no nosso número transitado:

A melhor interpretação masculina
VICTOR MACLAGLEN em *O Denunciante* (RKO-Radio)

A melhor interpretação feminina
BETTE DAVIS em *Dangerous* (Warner)

A melhor fito
REVOLTA A BORDO (M-G-M)

A melhor realização
JOHN FORD em *O Denunciante* (RKO-Radio)

O melhor argumento
BEN HECHT e CHARLES MACARTHUR em *The Scoundrel* (Paramount)

O melhor «cenário»

DUDLEY NICHOLS em *O Denunciante* (RKO-Radio)

O melhor complemento

WINGS OVER MT. EVEREST (Gammont-British)

A melhor adopção musical

O DENUNCIANTE (RKO-Radio)

Como se vê, só a fita *O Denunciante*, à sua conta, obteve nada menos de quatro prémios, os que foram atribuídos à «melhor interpretação masculina», «melhor realização», «melhor cenário» e «melhor adaptação musical».

À hora em que a nossa revista entra na máquina, ainda não sabemos quais foram os vencedores dos prémios destinados a «o melhor ajudante de realizador», «a melhor fotografia», «a melhor canção», «o melhor registo sonoro» e «a melhor decoração».

Contamos poder informar os leitores no próximo número.

WILHELM DIETERLE CONTINUA NA «WARNER»

O realizador William Dieterle, ex-actor do cinema europeu, que há alguns anos se encontra na América, renovou por quatro anos o seu contrato com a «Warner Bros».

Marlene Dietrich abandona a produção de «I Loved a Soldier»

Depois de trabalhar durante duas semanas, ao lado de Charles Boyer, na fita «I Loved a Soldier», da «Paramount», Marlene Dietrich abandonou a interpretação desta fita, alegando que o papel que desempenha, o de uma «criada de quarto», não convém à sua personalidade.

Litvak dirigirá Charles Boyer

Anatol Litvak, que actualmente se encontra na América, vai dirigir a fita *Sahara*, para o produtor Walter Wanger, com Charles Boyer como principal actor.

Os novos filmes de «Charlie Chan»

Warner Oland renovou o seu contrato com a «20th Century-Fox», pelo qual fará mais três fitas da série «Charlie Chan», as quais se relacionam com as corridas de cavalos, com a Marinha e com a Universidade de Harvard.

Antes de começar a primeira das fitas, Warner Oland fará uma viagem de dois meses, pelo Oriente.

DO CINEMA ADOLESCENTE AO CINEMA SILUETA

TENHO a certeza, ia quasi jurar, que os leitores veriam com prazer uma reexibição dos filmes da adolescência do cinema. Observar como trabalhavam os primitivos, como aclamavam na tela Ben Turpin, W. S. Hart, Theda Bara ou Mary Pickford, hoje quasi esquecidos, tem sempre interesse e oportunidade.

Verificariam assim os progressos realizados pela sétima arte, cuja maioridade foi atingida género relâmpago. Tal como nas «Mil e uma noites», o cinema tem sofrido sucessivas transformações que o colocam, na hora que passa, na escala das maiores vitórias da ciência e da arte de representar.

O Museu de Arte Moderna, de Nova York, interpretando esta ansia de retrospectividade por parte do público, apresenta agora, através da América do Norte, quatro filmes que servem para refrescar a memória dos que olvidaram, não só a graça de Mary Pickford, como o talento de muitos dos seus contemporâneos da tela.

Esses filmes, autênticas reliquias do cinema americano, mestre do cinema mundial, são: «The New York Hat», realizado em 1912 por D. W. Griffith; «The Fugitive», que teve como realizador, em 1916, Thomas H. Ince; «The Clever Dummy», de Mack Sennell, que data de 1917, e «A fool there was», de Frank Powell, produzido em 1914.

Em «The New York Hat» — cujo argumento foi escrito por Anita Loos, a argumentista de «Os homens preferem as loiras» — admira-se o desempenho de Mary Pickford, então ainda longe de supôr que casaria com um senhor-muito ingrato, chamado Douglas Fairbanks, que a trocaria mais tarde por uma «lady» genuinamente inglesa.

A seu lado trabalha, num simpático papel de sacerdote de aldeia, Lionel Barrymore.

«The Clever Dummy» é uma comédia

na qual Mack Sennell nos apresenta, com humor, Fatty Arbuckle, Mack Swain, Mabel Normand e, finalmente, o genial Charlot. Inspira um profundo sentido humano e de observação da vida.

Os restantes filmes mostram dois dos mais populares tipos da época: o homem terrível com coração de ouro e a mulher fatal — a «vamp» — que revoltava a púdica assistência pela sua cruel maneira de «castigar» os homens.

* * *

Em Inglaterra introduziu-se últimamente uma invenção que ameaça revolucionar as silvas de projecção: o autaparo de vidro, em vez de tela.

Pois é verdade! Uns engenhosíssimos quaisquer lembraram-se de colar, sobre a superfície da tela, grande número de lâminas de vidro convexas.

Obtem-se, d'este modo, imagens muito mais claras do que na tela vulgar. Inclusive, o filme não aparecerá deformado a quem o veja de lado.

E que dizer do cinema-silhueta, outra curiosa invenção que, embora existisse desde há anos, atingiu agora, com a alemã Lotte Reiniger, um aperfeiçoamento notável?

Assim, exibem-se actualmente em Londres filmes-siluetas, como «Arlequim», baseado nas músicas de Scarlatti, Pergolesi e Rameau, e «Papageno», inspirado no famoso caçador de pássaros da «Flauta Mágica», de Mozart.

Em resumo: o cinema progride e essa progressão é tanto mais simpática quanto é certo que a ela nem sempre preside um mesquinho sentido comercial mas, pas vezes, aquete espirito de renovação que acompanha os que não limitam a sua actividade ao papel de espectadores da farsa da vida.

OPERADOR N.º 13



Phyllis Barry, a deusa da dança, que alia à sua beleza deslumbrante a sua graça incomparável

SAMUEL GOLDWYN VAI FAZER FITAS COLORIDAS

Samuel Goldwyn, que actualmente se encontra em Londres, declarou-se entusiasmado pelo cinema colorido, em tricornia, de que «La Cucaracha» e «A Feira da Vaidade» são a demonstração das grandes possibilidades do novo processo.

Goldwyn vai produzir, nos mares do Sul, em colorido, a fita «Hurricane», no próximo verão, sob a direcção de Howard Hawks.

As próximas fitas de Fred Astaire-Ginger Rogers

Tendo terminado há pouco a fita «Follow the Fleet» («Siga a Marinhas»), que está alcançando enorme êxito na América, o famoso par Fred Astaire-Ginger Rogers vai interpretar, sempre para a «RKO-Rádios», a fita «Never Gonna Dance», que primitivamente se chamava «I Won't Dance».

Depois, Fred Astaire e Ginger Rogers interpretarão «Watch Your Steps», que a «Rádios» adquiriu aos escritores americanos Lee Loeb e Harold Buchman.

Mark Sandrich será o realizador.

Realiza-se no "São Luiz" no dia 3 de abril a 1.ª matinée gratuita de "Cine-Jornal", oferecida aos seus leitores

Conforme noticiámos no nosso número transacto, realiza-se, no próximo dia 3 de Abril, no magnifico sala do «São Luiz» — gentilmente cedida, graças à amabilidade da Empresa e do seu gerente, sr. João Ortigão Romos — o primeira «matinée» gratuita de «Cine-Jornal» e oferecida aos leitores do nosso revista.

Como se pode obter, sem o menor encargo, um bilhete para esta festa sensacional? Muito simplesmente: a páginas 14, da nossa revista, publica «Cine-Jornal» o cupão n.º 1, que juntamente com o n.º 2 (que publicaremos no mesmo local, no próximo número) será trocado, no

redacção e administração de «Cine-Jornal» — Travessa do Condessa do Rio, 27 — pelo bilhete definitivo, a partir de terça-feira, 31.

Quere dizer: o leitor guarda o cupão que publicamos hoje e, logo que tenha o que publicaremos na segunda-feira, irá buscar o bilheteinho que lhe compete.

Quatro pares de cupões — dão direito a um camarote.

O programa, que estamos preparando cuidadosamente, é sensacional, e marcará, não só pelo sua categoria artística, como ainda pelo seu interesse espectacular.

No próximo número dá-lo-emos com os pormenores, que se impõem.



Pert Kelton, a mais «louca» e a mais bonita das raparigas da Cinelândia!

Clark Gable e Wallace Beery, no novo versão de «O Preço da Glória»

O produtor Darryl Zanuck pensa fazer, para a «Twentieth Century-Fox» e para distribuição na temporada próxima, uma nova versão de «O Preço da Glória», que vimos no cinema silencioso com Dolores Del Rio, Victor MacLaglen e Edmund Lowe.

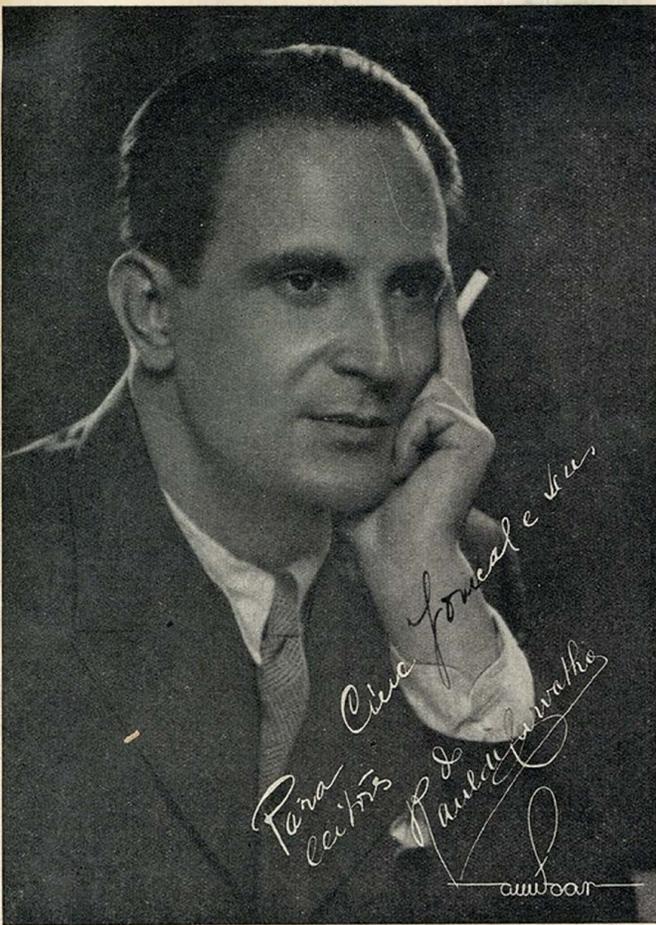
Pensa colocar nas duas principais figuras masculinas Wallace Beery e Clark Gable.

O FILME DE FRITZ LANG

A primeira fita de Fritz Lang na América tem o titulo provisório de «Mob Rule», como já se anuncia desde há tempos.

Podemos agora acrescentar que a protagonista dessa fita será Sylvia Sydney, com Spencer Tracy como primeiro actor. Eric Linden terá um dos papéis do filme.

«JÁ. BOCAGE NÃO SOU»...



cenas, entre elas a da cadeia, em que cantava a «Xacara da Prisão», encostado às grades da janela.

* * *

É agora uma série de notícias soltas colhidas aqui e além:

O papel de Bersane, que era primitivamente para ser interpretado por Raül de Carvalho, vai ser entregue a Tarquinio Vieira.

* * *

Raül de Carvalho faz um poeta nas «Fres Gracias» e Mayo — o Bocage espanhol — faz um poeta na versão portuguesa.

* * *

No filme há um «minutete» e um bailado saioio de grande efeito.

* * *

O poeta Galdas vai ser interpretado por Joaquim Pratas. Antes disso foi convidado para este papel Costinha, que não aceitou por uma questão monetária.

* * *

O dono do célebre Nicola foi uma autêntica descoberta. Tem um tipo curiosíssimo e pesa 180 quilos. Dá absolutamente o tipo dum taberneiro brutamontes.

* * *

No bailarico saioio, as primeiras figu-

ras do bailado são Eugénio Salvador e, possivelmente, Mariana Alves, que nunca mais pudemos esquecer desde a Severa.

* * *

Elvira de Figueiredo, uma das eleitas do concurso, vai encarnar a figura da Marquesa de Alorna.

* * *

Maria Salomé e Francisco Costa são outro par dum dos bailados.

* * *

O Senhor Roubado foi propositadamente mandado arranjar pela Câmara Municipal de Loures para aí filmarem algumas cenas curiosas.

* * *

Caso Raül de Carvalho também não aceitasse o contrato para a interpretação da figura de Bocage, seria entregue uma proposta ao actor Assis Pacheco.

* * *

Já foi combinada com António Lopes Ribeiro — realizador do filme «Revolução de Maio», do Secretariado da Propaganda Nacional — a maneira de filmarem simultaneamente no estúdio da Tobis. Os interiores de «Bocage» devem estar prontos para fins de Maio e só nesta altura é que o S. P. N. começa a trabalhar.

TELMO FELGUEIRAS

«Bocage» tem que ser, por sina, discutido. Já lá vai o tempo em que a vida agitada do poeta escandalizava esta detetosa Lisboa; ficou a fama, a lenda e até a realidade.

Hoje fala-se novamente de «Bocage» com insistência, não porque se reeditassem os «Sonetos» mas porque Leitão de Barros está a realizar um filme sobre o poeta que celebrou o «Nicola». Além disto os concursos, a chegada de Celita e dos espanhóis têm interessado o meio alfacinha.

Mas de todas as notícias, de todas as novidades, aquela que mais sucesso alcançou foi a da substituição de Estevão Amarante por outro actor na interpretação da figura do poeta.

Como se sabe a primitiva distribuição indicava como protagonista Amarante; e Raül de Carvalho encarregava-se do papel de Bersane — um grande amigo de Bocage e irmão de Márcia e Anália. Mas o panorama mudou. Estevão Amarante não quis assinar o contrato da maneira como lhe foi apresentado. Surgiu uma divergência entre este e a S. U. S. e foi convidado o actor Raül de Carvalho para o substituir.

Eis a razão porque procurámos falar com os dois Bocages.

Amarante explicou-nos o que se passou:

Quando foi convidado para protagonista do filme discutiram o problema monetário e procuraram harmonizar a sua accidental vida de estúdio com a sua vida de profissional do teatro. Pelo contrato era obrigado a filmar 60 sessões. Amarante necessitava que essas 60 sessões fossem feitas no espaço de três meses e para justificar esta aparente exigência exemplificou da seguinte maneira: «se me derem 30 contos por estes três meses equivale a 10 mensais mas se essas mesmas 60 sessões forem realizadas em 6 meses já corresponde a 5 contos por mês». Segundo me consta estes números exemplificativos eram precisamente os números do contrato.

E Amarante continuou:

«Ora eu necessitava que o contrato fosse redigido numa forma bem clara, não só para saber com que contava mas também para orientar a minha vida. Se essas 60 sessões se estendessem por muitos meses, como tem sido hábito nas nossas produções, eu ficava prejudicado, pois estava impedido de ir ao Porto com a companhia do Teatro Nacional e perdia a minha festa nessa cidade. Como vê isto representa alguma coisa. Portanto o facto de ser contratado pela S. U. S., como queriam, não era para mim um *maná* mas podia até redundar num prejuízo caso a realização se prolongasse. É que eu tenho o meu ordenado como actor! Além disto, como publicidade ao meu nome em Portugal e no Brasil, não me interessava, pois já sou suficientemente conhecido nos dois países e... este facto agradava sobretudo à casa produtora.»

—E a actuação no *Bocage* não lhe convinha como experiência da sua personalidade de actor num novo género de espectáculo?

«Não; como sabe, já trabalhei em Paris para a Paramount e aí dei as minhas provas quando me entregaram o principal papel de *A minha noite de nupcias*. Em Portugal não existe uma empresa que produza com continuidade; um filme é um caso accidental e nós vivemos de *casos accidentais*. A minha experiência como actor de cinema já a fiz em Epinay-sur-Seine e essa é suficiente para desmentir boatos de café.»

Explicada a substituição de Amarante, interessava-nos ouvir Raül de Carvalho.

O assunto a focar era outro: a personalidade de Bocage. Raül começou por definir o poeta: «Foi um louco com génio». Depois descreveu-nos sob que aspecto a figura era tratada no filme. É a história do homem que por uma paixão sincera prejudicou a sua vida. Raül de Carvalho já filmou várias



A ALEMANHA está, novamente, na ordem do dia. Com uma periodicidade que tem qualquer coisa de assombroso, a Alemanha nazzi vibra um golpe ceiteiro, que abala a opinião pública da Europa inteira. As chancelarias protestam, as potências reúnem-se em conciliábulos, a Sociedade das Nações aprecia juridicamente o caso, e depois de algumas semanas de títulos alarmantes nos jornais, de letras de palmo e meio a semear o pânico e a perspectiva duma nova guerra — tudo volta à calma de outrora: os jornais à sornice habitual, as chancelarias à vida burocrata de sempre, as potências aos seus problemas internos e a Sociedade das Nações volta a adormecer tranqüilamente, emhalada pelas águas rumorejantes do Lago de Genebra!

A Alemanha está, novamente, na ordem do dia, dissemos.

Peguem nos jornais e verão: as mesmas frases inflamadas, as mesmas previsões terroristas, as mesmas entradas de leão, por parte das potências signatárias dos tratados infringidos.

De tudo, apenas uma realidade: a invasão pacífica da Renânia pelas tropas do «Führer», em obediência a um plano longamente preparado.

A data a que escrevemos, o mundo aguarda que organismo genebrino se pronuncie, e devora interessado tudo quanto se escreve, tudo quanto se refere ao acontecimento do dia!

Lógicamente, vai ao cinema — e segue, com avidez, aquelas imagens que lhe mostram a Alemanha de hoje e as suas manifestações, quer sejam no campo marvólico quer no outro, não menos importante — o industrial.

Aqueles que, freqüentam com regularidade o cinema, fazem uma ideia nítida, podem formar um juízo seguro, acerca das possibilidades e das realidades da Alemanha de hoje.

Com efeito, raro é o «jornal» seja ele francês ou americano, que, hebdomadariamente, nos não traz notícias, imagens, surpresas, da Alemanha de Hitler e dos seus soldados.

Pode dizer-se mesmo que, na Europa, é o país que mais assunto fornece às actualidades, talvez por ser aquele em que as paradas militares, as festas campestres, as comemorações públicas atin-

gem maior grandiosidade espectacular. Depois dele só a Itália, no momento histórico que atravessa.

Mas a Alemanha, pela sua posição especial no quadro dos países europeus — tem um interesse formidável para o mundo inteiro. Dai, a preferência dos

jornais de actualidades — amplamente justificada, pelo que temos dito.

A Alemanha nunca pôs obstáculo a que, nas telas de todo o mundo se divulgassem os seus segredos. Pelo contrário. Facilitou, sempre, a missão dos operadores, como se essa publicidade só lhe fôsse grata.

Assim, assistimos às imponentes manifestações «nazzis», ao advento de Hitler e ao seu triunfo, às horas históricas da Alemanha após a guerra, desde a morte de Hindenburgo até à entrada das tropas na Renânia.

A construção de vasos de guerra, o seu lançamento à água; as viagens do Conde Zeppelin; as experiências dos expressos aerodinâmicos, que alcançam mais de 200 quilómetros à hora; a construção do Zeppelin Gigante, que transporta mais de cinquena pessoas, em poucas horas, de Berlim ao Rio de Janeiro — tudo o cinema nos tem revelado, nas «Actualidades», que, dia a dia, se exibem em todo o globo.

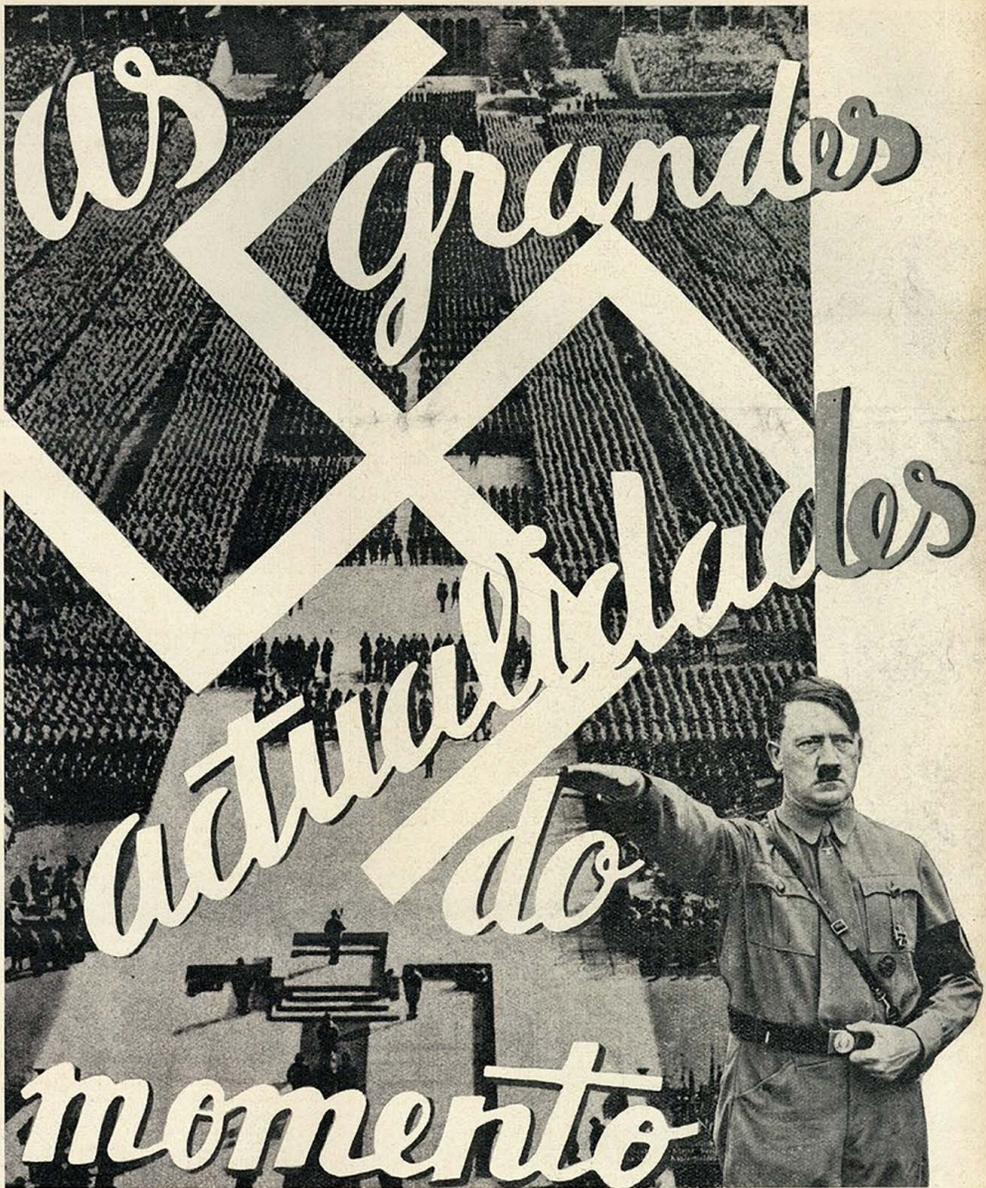
Quem ignora a organização militar alemã? Só quem não viu as impecáveis formações das milícias, os campos cobertos de soldados firmes e estáticos, os céus enegrecidos por esquadrihas de «Junkers». A Alemanha não procurou abafar o seu «despertar». Deixou-o brilhar ao sol, deixou-o transportar para a tela!

As grandes actualidades do momento são, agora a da Alemanha. Passou a era do Négus e do seu chapéu de sol, de Mussolini e dos seus camisas negras. Ninguém fala já em Aduá, no Também, nas «carnificinas» tremendas que lieram os desertos da Etiópia como quadro de acção.

Agora é Hitler quem domina. A Alemanha volta a ser o ponto nevrálgico da Europa — o «leit-motiv» das actualidades, nestes tempos mais próximos

Berlim, Março, 1936.

M. B. SANTOS E SILVA



«Capitular, nunca!» clama Goëbells, num «meeting» eleitoral

A ESTREIA DE «TEMPOS MODERNOS» no «Capitol» de Madrid

(Do nosso envidado especial)

Madrid, Março, de 1936—Madrid, desta vez, foi mais afortunada do que outras capitais europeias. *Tempos Modernos*, ao contrário do que sucede frequentemente (vidé, o caso da *Vitua Alegre*) foi estreado aqui com uma actualidade flagrante, dias depois de haver sido apresentada, pela primeira vez, em todo o mundo, no *Rivoli*, de Nova York.

Tempos Modernos tem sido esta semana o grande acontecimento citadino. Direitas e esquerdas, estão de acôrdo. Formam «cola», pacientemente, até à Graú Via, junto da bilheteira do «Capitol», para adquirir a imprescindível «butaca» e, lá dentro, riem perdidamente, esquecidos por completo das lutas partidárias e da hora grave que a Espanha atravessa!

O «Capitol» aumentou os preços para o dôbro do habitual. Dá cinco sessões diárias, desde o meio dia até à meia noite! E está sempre cheio!

Além dum êxito artístico assombroso, que procuraremos definir e justificar adiante, *Tempos Modernos* é o maior êxito comercial dos últimos tempos!

* * *

O novo filme de Chaplot, acima de tudo, é um filme mudo. Vê-se que o inesquecível intérprete da *Quimera do Ouro* quis, ostensivamente, virar as costas ao sonôro e demonstrar, de forma cabal e iniludível, que é possível, ainda hoje, interessar as multidões e emocioná-las, utilizando apenas os recursos do mudo! No seu filme não há diálogos. E—pasmem!—quando são imprescindíveis «resolvem-se» com *legendas intercaladas*, à maneira antiga!

A certa altura, a acção necessita em absoluto da palavra. Uma espécie de caixeiro viajante tem que explicar o funcionamento de determinada máquina. Chaplin resolveu a questão: o homem explica que, para não ter de repetir sempre a mesma coisa, arranjou um disco. Põe-o no fonógrafo e é um disco que emite cá para fora toda a fala que deveria caber à personagem. A resolução é engenhosa e Chaplin, dum só cajadada mala dois coelhos: satiriza os caixeiros viajantes que andam de terra em terra a impingir os seus produtos, com o mesmo «discurso», e evitou pôr um dos intérpretes do seu filme a dialogar.

O filme é 100 % mudo! Só Chaplin resistia a tamanha prova.

* * *

A paixão pelo classicismo levou-o a extremos. Neste filme, como nos precedentes, a parte técnica (fotografia, cenários e sons) é deficiente. Não há um *travelling* em toda a obra. Mas o que ali está é cinema, cinema puro, cinema do melhor!

* * *

Falou-se, muito, nas tendências bolchevistas da obra. Não é verdade, que dominem no filme. Há, de facto, uma violenta sátira à fabricação em série e à organização social (no que se refere ao operariado e aos patrões). Os magnates da indústria são criticados, acerbamente, por vezes.

Uma cena, apenas, poderá «chocar» aqueles que têm por missão depurar os filmes do que contenham de subversivo!—Queremo-nos referir à cena inicial. O filme, com efeito, abre com a imagem dum rebanho de carneiros que segite, em monte, por uma rua estreita,

por onde mal cabe. Essa imagem encaideia com a entrada dos operários para uma fábrica.

O paralelo é cruel e mal intencionado...

* * *

O clou de *Tempos Modernos* é sem dúvida constituído pelas cenas em que intervem o autómato, a máquina de alimenlar. Trata-se dum «maravilhoso invento» destinado a evitar que os operários percam tempo a almoçar—declara o interessado na sua venda. A máquina é experimentada com Chaplot. É indiscríptivel o que se passa, porque a certa altura a máquina avaria-se e ninguém mais se preocupa com o pobre operário, que agarrado por aquele monstro de ferro engole tudo o que o autómato vomita, desde comida a escaldar até às poresas, parafusos e outras peças metálicas, que dêle se desagregam. De vez, em quando, um guardanapo limpa-lhe violentamente a bôca. Mas como a máquina, em virtude do desarranjo, trabalha em acelerado, são autênticos sócos que o pobre Chaplin recebe. Simplesmente geniais, estas cenas!

* * *

Mas há mais, muito mais. O filme não tem uma passagem que não mereça citar-se! Chaplin num estaleiro busca uma cunha e «descalga» um barco, na carreira, que devia ser lançado à água daí a meses, e que, em esqueleto, como está, se afunda lentamente. Despedido, Chaplot emprega-se como guarda-nocturno, nuns grandes armazéns; na secção de brinquedos, descobre uns patins. E é, em graciosas evoluções que percorre os corredores. Doutra vez, apanha uma bandeira vermelha que caiu dum camion. Agita-a, para que o «chauffeur» pare e a tome. Uns grévistas supõem-no comunista e elegem-no chefe. Chaplot é preso. Vai para a prisão. Toma a cocaína que um preso escondeu no saleiro. Pratica distúrbios.

Enfim! É um nunca acabar de «gags» e de explosões de gargalhadas.

* * *

O filme, como todos os de Chaplin, tem alguma coisa mais do que as cenas picarescas que nos apresenta: humanidade, um sentido apurado de crítica, e uma filosofia, cruel por vezes.

Tempos Modernos é talvez o mais cómico de todos e o menos comovente. Chaplot não quis abusar daquela amargura, que aproxima o trágico do cómico, de *Luzes da Cidade*, por exemplo.

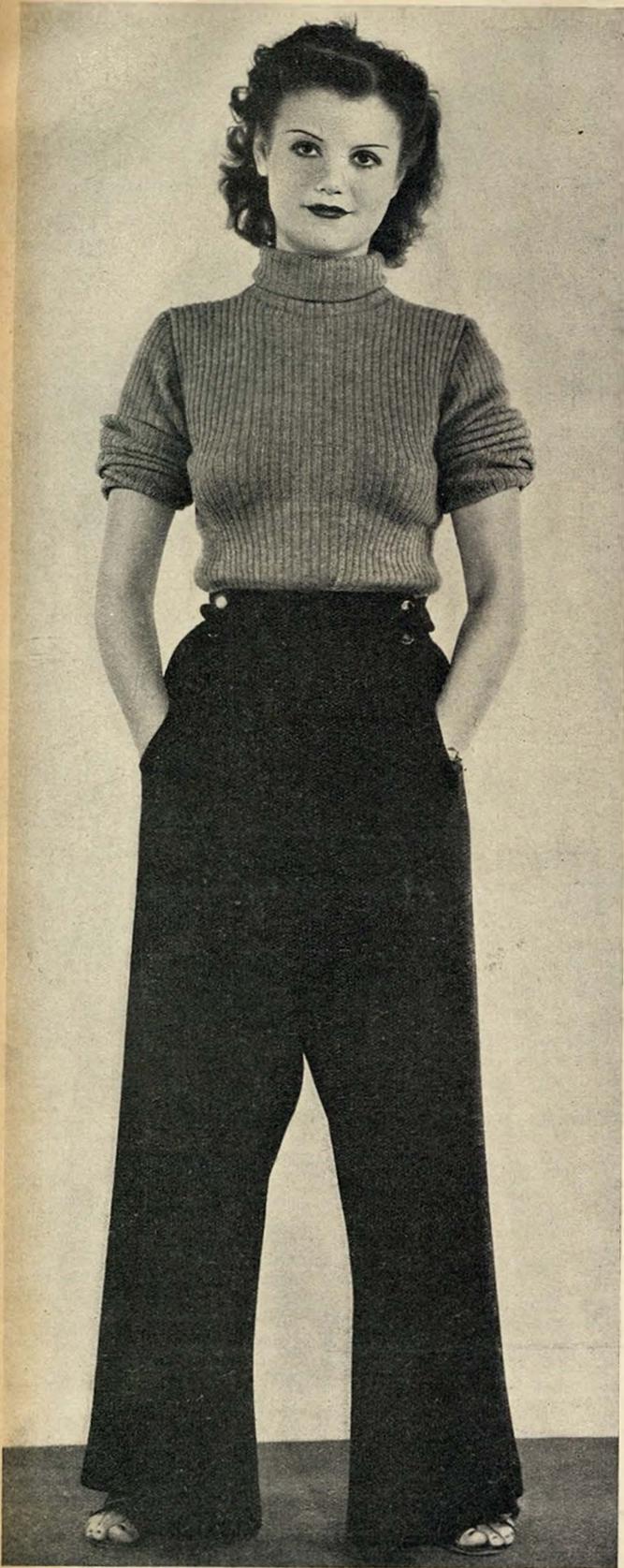
E, assim, *Tempos Modernos*: diverte todos! Os que buscam um espectáculo e o vêem sem o profundar — e aqueles que penetram o sentido profundo da sátira em que o filme, por vezes, se converte.

O final é mais doce, desta vez. Chaplin encontra uma rapariga. Ama-a dóida e cândidamente. É um amor espiritual, que não transige com os sentidos.

No fim, procuram ambos a felicidade. Caminham por uma estrada longa, com os olhos postos no futuro. A cena é deliciosa pelo simbolismo, porque ambos vão de mãos dadas, separados pela lira branca, riscada no chão e que divide os dois lados, de sentido de trânsito antagónico...

Tempos Modernos vem provar que Chaplin continua a ser o maior de todos.

M. A.



Simone Simon, o graciosa artista francezo, que o América, depois de a ter contratado, reconheceu não ter as qualidades precisas para agradar ao público americano

Pat Patterson



NENHUM casamento foi tão discutido e nenhum noivo foi, com certeza, tão invejado!

Quando o telégrafo espalhou, pelo mundo inteiro, a nova de que Charles Boyer, o impenitente solteirão, o homem que troçava superiormente do amor, e que até aí permanecera impassível ante tantas paixões verdadeiras, que soubera despertar — quando o telégrafo, dizíamos, espalhou a notícia do casamento de Charles Boyer foi o fim do mundo entre as suas múltiplas admiradoras.

Em primeiro lugar, a sensação de surpresa — dominou-as. Depois, começaram a reflectir melhor e, daí, a ficarem indignadas, foi um passo! Qual o motivo porque não lhe perdoavam «semelhante fraqueza»? Porque criticavam tão acerbamente a doce Pat Patterson, que o enfeitara?!

O ciúme ditou tódas as cartas insultuosas — insultuosas, sim! — que Charles recebeu nos primeiros tempos do seu noivado. Esta dizia-lhe «que era uma falta de patriotismo» desposar uma americana — como se o amor conhecesse fronteiras. Outras afirmava-lhe «que ele tinha caído como um patinho, no laço que lhe haviam armado» — como se a doce Pat fôsse uma «gangster» da pior espécie.

O que não lhe perdoavam tódas as admiradoras, naquele primeiro momento de surpresa, era, afinal, o facto insólito de ele se haver casado. Fôsse qual fôsse a noiva, rica ou pobre, americana ou abexim, nobre ou plebeia — as reacções provocadas, nas hostes das admiradoras, tinham que ser, fatalmente, as mesmas!

Charles Boyer era, para elas, para tódas elas, o amante espiritual, o amante ideal. E uma mulher perdoa tudo, excepto uma traição — excepto ser preterida por outra!

* * *

Em redor de Pat Patterson criou-se, assim, uma lenda desagradável. Tódas as mulheres, numa autêntica conspiração, disseram mal, puseram-nas pelas ruas da amargura, sob o duplo aspecto de artista e de «femme du monde».

No entanto, o tempo cicatriza as feridas mais profundas e atenua o efeito do mais violento cautério. E, desta forma, ao despeito inicial, succedeu aquela simpatia com que olhamos as pessoas ligadas àqueles que nos são queridos. Pat Patterson, quando esteve últimamente em Paris, com Charles Boyer, teve a alegria de verificar que as francesas não são tão ciumentas como supunha, e como lhe faziam crer as cartas

ou
Mme

CHARLES BOYER

que recebeu e onde se dizia, por exemplo: «se algum dia vier a França, cravo-lhe uma navalha nas costas...»

E a pobre Pat Patterson via-se a representar ao vivo, o final daquelas tradicionais danças de «apaches»...

* * *

Pat é inglesa. Nascu em Bredford, uma cidade industrial, com prados verdes nas redondezas e fábricas negras e fumegantes. Teve uma vida descuidada, na infância, amimada pelos pais e pelos avós — que, como diz o vulgo, «não viam outra coisa».

Desde pequena, sentiu uma atracção enorme pelo palco. Tomou parte em muitas récitas de amadoras, tinha um fiozinho de voz engraçado — e os «entendidos» diziam que «havia de dar que falar, quando crescesse».

Um belo dia, com dezasseis anos incompletos, após várias tentativas infrutíferas para convencer os pais a deixá-la ir para o teatro, Pat fugiu de casa, sem dizer nada a ninguém, meteu-se no comboio e apeou-se, com uma falsa tranquilidade e um não menos falso à-vontade, em Londres.

Não conhecia ninguém! Era uma vantagem, por um lado, mas um contra-tempo por outro. Mas fôra providente. Uma das suas amigas dera-lhe a morada duma pensão familiar, dessas pensões onde se instalam as «girls» inglesas. Para lá foi. Era uma casa grave, quasi austera, que contrastava em absoluto com a bela e inquietada mocidade, que a enchia, de alto a baixo!

* * *

Em Londres, a nossa pequena heroína não ficou inactiva. Tratou de se informar de qual o caminho mais curto para chegar ao que queria — arranjar lugar num teatro.

E a sorte veio precisamente em seu auxílio, porque, no dia seguinte, realizava-se um concurso público, para amadoras, num «music-hall». A que revelasse mais qualidades seria imediatamente contratada!

Pat classificou-se em primeiro lugar e, desde então, passou a desempenhar pequenos papéis em várias peças de êxito.

Se não fôsse André Charlot, o célebre empresário londrino, certamente, a estas horas, ainda lá estaria, perdida naquele grupo infinito de raparigas bonitas, de plástica perfeita, que sabem sorrir divinamente e que no palco pouco mais fazem do que exhibir o sorriso e as pernas, ou ainda um pouco mais!

André, com efeito, contratou-a para diversos cabarés, onde ela se exibiu em vários «tours de chant», com um êxito lisongeiro. Foi numa dessas «boites» que Paul England a ouviu e a contratou, imediatamente, para, na Rádio, ao lado de Enid Trevor e Claude Hulbert, desempenhar um papel em *The Two Pairs*.

* * *

...Mas deixemos Pat Patterson contar a sua história:

«...A minha voz, segundo parece, era

muito fonogénica. Tive a felicidade de agradar... Depressa me convenceram de que eu dava qualquer coisa no cinema. E uma vez mais a sorte veio em meu auxílio...

«Com efeito, certo dia acompanhei uma rapariga minha amiga que ia conversar com um empresário. Durante alguns minutos, aguardei no salão, que a conversa terminasse. Subitamente, vi o empresário sair exaltadíssimo do gabinete. Tinha-se zangado com a vedeta e estava sem «estréla», para o filme que, daí a dias, ia realizar.

«Tal e qual como nas fitas!...
«Um pouco a medo, propus-me para tomar o lugar da minha amiga. Ele atendeu em mim e acedeu. Tal qual como nas fitas — agradei.

«Daí em diante, faço carreira pelo cinema, a que dedico todos os instantes da minha vida!»

* * *

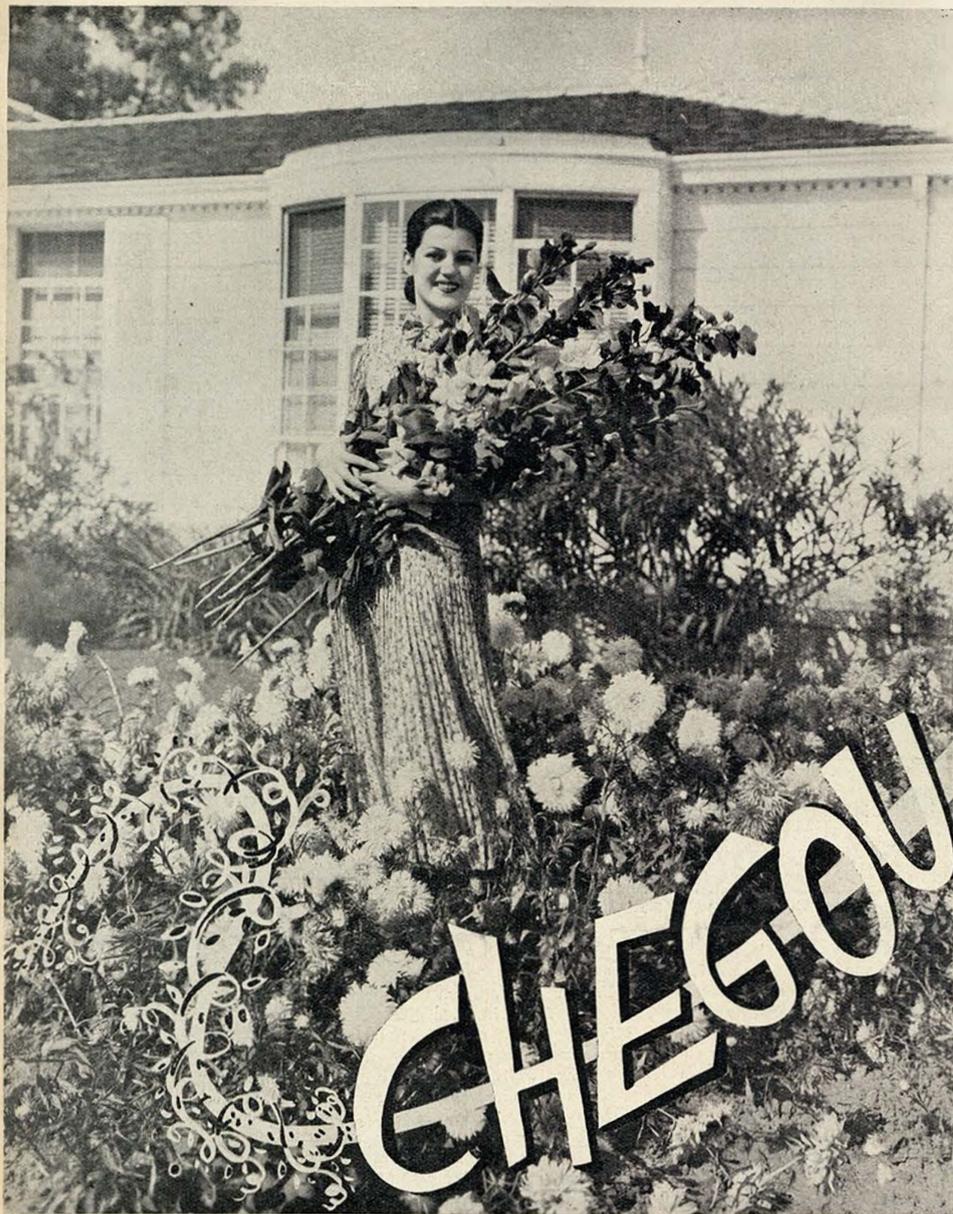
Tomou parte, com efeito, em dezenas de fitas. Mas nunca mais saía da cepa torta...

Charles Boyer filmava então a *Caravana* — êsse insucesso! — nos estúdios da Fox. Viu-a. E verem-se e amarem-se foi obra dum momento.

E Pat Patterson, a loira inglesa que nunca mais saía da cepa torta, passou a chamar-se M.^{me} Charles Boyer — e, dum dia para o outro, graças a essa publicidade gratuita, viu mudadas as faces das coisas.

E tem apenas vinte e dois anos!

MARIO AUGUSTO



CHEGOU a Primavera!

O calendário assinalou, há dias, a data festiva em que a Natureza se veste de galas para solejar o advento da mais linda Estação do ano. Este ano, porém, o Inverno parece querer assenhorear-se do Tempo, e a Primavera despontou com um céu enevoado e pardacento, onde o sol só brilhava de espaço a espaço.

Em Portugal, a Primavera, este ano, teve várias surpresas: Os campos verdejantes apareceram transformados em lagos imensos; os arriolos cantantes, em torrentes impetuosas; e as pobres andorinhas que se aventuraram até este Portugal, que o Turismo apregoa doce e temperado, mal reconheceram a terra, batida e revolta pelos temporais, e quedaram-se, tristes nos beirais, à espera de que passasse a tormenta.

No entanto, estamos em plena Primavera. Foi-se o Inverno e, se, por partida, de vez em quando, chover como em Dezembro, ou a ventania soprar rija como em Janeiro — não nos restará mais do que arvorar um sorriso opti-

mista e ser poetas — ou fazer como as pobres andorinhas que demandaram Portugal: esperar pacientemente que o sol nos aqueça, por que nós andamos bem — e o Tempo é que está errado...

* * *

Muito embora, na Califórnia, o céu seja sempre azul, o sol doirado e o clima temperado e primaveril. Hollywood acompanha fielmente a evolução do Tempo, a marcha dos dias no Calendário.

E, assim, um mês, quinze dias antes do início de cada estação, chovem



nas redacções dos jornais de cinema, fotos alusivas à quadra do ano, que se avizinha.

Temos no Inverno, os retratos das vedetas com as últimas «toilettes» para a época: as fotos na neve, numa neve hipotética *made in U. S. A.*; a clássica colecção Natal, com a Shirley e outros astros de palmo e meio ao pé dos pinheiros carregados de brinquedos, etc., etc. No Verão, temos as fotografias das vedetas que melhor revelam as suas plásticas tentadoras: as poses perturbantes em «maillot», os grupos de beldades nas praias; nos «yachts», nos «pic-nics», etc.! O Outono traz-nos, em regra, imagens da faina dos campos:

as vedetas colhendo frutos, fazendo a vindima, etc. E a Primavera, então, enche-nos de fotografias que são hinos à Natureza e onde as flores se igualam em beleza às imagens femininas que, em regra, posam a seu lado.

* * *

Aqui têm nesta página três imagens formosíssimas!

Não nos resta dúvida! Chegou a Primavera! Vejam que encanto, que frescura, que beleza saudável há nas gravuras que ilustram esta página. Flores em profusão, raparigas estuantes de vida, que personificam, só por si, a mais linda estação do ano.

Temos Rita Cansino, levando de braçado, um ramo de flores; Maureen O'Sullivan, perdida num campo imenso de girasóis e Heather Angel num jardim que é um milagre de bom gosto e de luz.

Estas três imagens são a definição mais sugestiva e mais bela do encanto da Primavera — que podíamos dar aos nossos leitores!



Crónica da Semana

reis» que acabamos de comentar, o outro, o da vida privada, ganha em extensão e fala-nos facilmente ao coração, de homem para homem, terra a terra.

É o rei visto na intimidade, entregue às suas preocupações familiares e aos seus pequenos prazeres, se bem que seja difícil abstrair um do outro. E é o que ressalta da interpretação de Jannings, que não perde magestade quando desanca o filho mal comportado ou lhe verbera o procedimento repreensível.

Aqui o filme atinge o cume do seu excepcional valor.

A luta que se trava no coração do

Os amigos do cinema

ANTIGAMENTE, apenas há uma dúzia de anos, bem entendido, eram conhecidos, no Porto, por «amigos do cinema» uma pleiade de moços a quem a sétima arte tinha enfeitado e que se reuniram numa colectividade que foi a mais curiosa e vibrante manifestação de dedicação à arte cinematográfica.

Da sua acção, benéfica, útil, patriótica, falamos há tempo e já nós fizemos eco, também da ideia, que chegou a

Carta do Porto

Hoje, que tôdas as classes sociais, que todos os homens e senhoras de tôdas as idades, vão ao cinema, discutem o cinema, não dispensam o cinema, imitam o que vêem na tela, sonham com os filmes, ser amigo do cinema é ter um cartão, um cartão que toda a gente possui, que dá direito a cinquenta por cento de desconto nas «matrúncas» cinematográficas, em dias de semana.

Como se materializa, como se delurpa um título, bem modesto, na verdade, mas superiormente honroso...

Os intelectuais e o cinema

Não foi sem dificuldade que neste burgo se conseguiu interessar certas camadas sociais pelo cinema, muito embora, presentemente, o domínio da arte das imagens seja absoluto.

Porém, alguns intelectuais, por vezes, menos presam uma arte que nasceu quando a sua mentalidade já estava formada, simplesmente porque ainda não se identificaram, em absoluto com a sua incontestável superioridade.

Não quero dizer, no entanto, que não haja alguns que, embora sem se imiscuírem nos segredos da técnica cinematográfica, pela sua cultura, intuição e possibilidades de assimilação, não façam um completo e justo juízo da arte, das suas tendências e finalidades.

Ainda há pouco, num dos nossos cinemas, durante um intervalo, um grupo de jornalistas, professores e artistas, apreciava o filme que se exhibia e, justificadamente, apontava a sua grande deficiência — o título.

Na verdade, chamar-se «Revolução francesa» a uma película que não dá, de longe, nem de perto, a mais pequena ideia, do que representou, política, social ou ideologicamente, êsse movimento, se não é partida de mau gosto, denota falso critério.

O público, a massa anónima, poderá não ter reparado na tremendíssima gaff, mas, é que o cinema, presentemente, preocupa todos os elementos de sociedade, mesmo os menos representativos e, sobretudo, não é honesto usar-se títulos-chamariz, o que coloca até numa situação desairosa o cinema que apresenta o filme.

E, de resto, é sempre lamentável que o protesto de meia dúzia, acabe por se transformar em côro.

«Tempos Modernos»

Segundo nos consta já está fechado o contrato para a estreia dos *Tempos Modernos*.

CARLOS MOREIRA



Helen Gahagan, a lindíssima vedeta americana, que vimos no «Deusa do Fogo»

pai entre a necessidade de castigar, para corrigir, e a dor com que aplica o castigo, é um pequeno drama de todos os dias e em todos os lares.

A máscara de Jannings traduziu admiravelmente essa luta. Asua amargura quando reconhece que perde o amor do filho por muito lhe querer é extraordinariamente humana. Talvez ninguém como êle saiba exteriorizar a dor que se sente e se quer calar, a que mais profundamente se entranha no coração.

Em resumo: um bom filme e um grande artista.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

tomar certo vulto, da reorganização da extinta agremiação.

Nesse tempo, ser amigo do cinema era dedicadamente contribuir com o seu esforço, com o seu carinho, e até com a sua bôrsa, para a propaganda da arte.

É facto que, dado o império de materialismo em que vivemos, exigir da mocidade contemporânea uma centelha de ternura, para qualquer faceta da vida espiritual, é tentar o impossível.

Na verdade, é justo recordar-se a isenção, o desinteresse, que há uma dúzia de anos se verificava na juventude de então que, na verdade, tinha no seu seio, verdadeiros amigos do cinema.

DEPOIS do «Anjo Azul» não tornámos a ouvir falar de Emil Jannings.

Extintos os últimos ecos do retumbante sucesso Marlène-Jannings, fizera-se um grande silêncio à roda do nome do comediante alemão.

Seria mais uma vítima do advento do sonóro? Tudo levava a crêr que sim.

Mas no nosso espírito ficaram gravadas, com saudosa recordação, as suas interpretações da «Tortura da carne», do «Patriotas», de Lubitsch, de «A última ordem», com a expressiva Evelyn Prent, dos bons tempos do mudo.

Viamo-lo retirado numa modesta casa de campo (são sempre modestos os crepúsculos dos grandes artistas), longe da cidade que o esquecerá, rodeado dos seus retratos mais caros, folheando aos serões as críticas entusiásticas doutrôra.

E nada disto era verdade. Jannings ressurgiu. Volta de novo a representar para nós.

É um filme bastou para que êle recuperasse a posição abandonada: as críticas tornam a cobri-lo de elogios, e o público acorre, permanece fiel.

Que importa o nome do realizador, da casa produtora, dos artistas que o acompanham?

Diz-se de «Os dois reis»: é um filme de Jannings. E é quanto basta.

A sua figura desenha-se na tela com tal vigor, que a nossa atenção desintressa-se do resto. Este rélevo pode ser mesmo apontado como defeito. O realizador não resiste à tentação e, quasi insensivelmente, ci-lo a fazer teatro filmado.

* * *

Esta influência estende-se até ao programa do espectáculo que não nos diz a cargo de quem esteve a realização e apenas indica tratar-se de uma produção N. D. L. S.

Seguramente o filme é alemão... até às pontas dos cabelos. O que dá bem a medida das responsabilidades que assumiu Jannings ao tomar conta da interpretação de Frederico Guilherme I, da Prússia.

Porque não é de admitir que em qualquer dos «Dois reis» os alemães consentissem que o vulto da sua história saísse apovado ao ser transportado para a tela.

E, realmente, a figura do rei foi rodeada de tanto respeito e admiração, que o panegírico feito a Frederico Guilherme projecta-se mais além; é já o próprio mister de rei, defensor e amigo do povo, que é exaltado — mas isso é outra história

* * *

Se tem muito interesse um dos «Dois

O CINEMA E AS OLIMPIADAS

DE há muito que, em inúmeros países, o Cinema e o Desporto têm andado extremamente ligados. Uma conveniência mútua os aproximou. O Cinema, foi encontrar ne desporto, novos motivos, novas imagens e beleza e interesse. Por sua vez, o desporto serviu-se do Cinema para utílimas demonstrações, e para uma propaganda mundial de indiscutível alcance.

E nos programas dos principais Cinemas, começaram a ser passados filmes desportivos, o que, além de instruir os leigos nos vários ramos de Desporto, têm o condão de atrair às Salas onde são exibidas, grande quantidade de entusiastas desportivos.

Então, uma vez assente o indiscutível interesse que, para grande parte do público tem um filme desportivo, começaram a ser filmados os mais curiosos acontecimentos dos campos de desporto, os quais, quando se verifica não merecerem as honras de serem filmados em separado, são incluídos em jornais e actualidades, a que o público começa, finalmente, a ligar a importância que na realidade merecem.

Não admira, pois, que as Olimpíadas de 1936, grande acontecimento desportivo de repercussão mundial, tivesse movimentado uma verdadeira legião de operadores cinematográficos de todos os países e de todas as empresas produtoras de filmes, no intuito da realização um grande documentário, de excepção em categoria.

Mais que a todos, convém às casas de cinema, que, no meio de casas, para out-

ros puramente comerciais, não esqueçam a propaganda da nacionalidade, que a realização dessas películas de grande metragem consiga colher os mais belos lances da grande competição, e dê, a todo o mundo, a impressão exacta do que vai ser essa verdadeira grande parada do atletismo mundial.

Já a chamada «Olimpiada branca», deu lugar a filmes de impecável beleza. Para os realizar, os operadores recorreram aos mais habilidosos estrategemas, colocaram-se nas mais arriscadas posições, no intuito de dominar a inesquecível visão das enormes montanhas brancas, sobre as quais a destreza dos concorrentes se afirmava, invulgarmente.

E o espectáculo que assiste, comodamente sentado no seu «maple» do cinema, elegante que frequenta, ao desenrolar do filme magnífico, talvez não pense que, para conseguir aquele extraordinário e vertiginoso desfile de patinadores de «skis», o operador se enterrou na neve, numa pouco invejável posição... E que aquele friso de gentis espectadoras, obliido num relance, dum forma tão inconcebível que chegamos a pensar que estamos assistindo a um habilíssimo «truc», foi filmado com a máquina fixa aos «skis» do operador, que se quis obter aquele efeito, sensacional e inédito, teve de se arriscar a descer



No «Reichsportfeld», há tribunas para 100.000 espectadores. Mas, quantos outros admirarão, através do Cinema, o extraordinário espectáculo?

A quantos países, a quantas cidades, a quantos ignorados recantos da província o celuloide não levará magníficas visões, valiosos ensinamentos, satisfazendo ambições de tantos que, dados ao desporto de corpo e alma, não poderiam, porém, fazer dos jogos olímpicos uma ideia que se aproximasse da realidade?

No campo desportivo, como em tantos outros, o Cinema marca o seu lugar de incontestável e incontestado valor.

* * *

A Guerra, fantasma ameaçador que paira sobre o mundo, ameaçando tudo e todos, homens e nações, do alto do seu poderio, está prejudicando, grandemente, o brilhantismo da «XI Olimpíadas».

A França já declarou, oficialmente, que não enviará a Berlim as suas equipas de atletas.

Aguarda-se, a todo o momento, que muitos outros governos da Europa façam idêntica declaração. E o certame de Berlim perderá imenso do seu valor, em quantidade e qualidade.

É natural que os jornais alemães continuem na sua entusiástica campanha, a afirmar que as Olimpíadas em nada perderão com as nações que dela voluntariamente se afastaram.

Porém, nos «ecrans» de todo o mundo, o filme, espectador incorruptível, testemunha insubornável, mostrará, em toda a sua verdade, o que foi a «XI Olimpíada de 1936», realizada na Alemanha, entre legiões de atletas, enquanto outras legiões de alemães se instalaram na Renânia, batendo todos os «records» de política internacional...

ANIBAL NAZARÉ

com os desportistas, a pista alvíssima, em alucinante carreira!

Mas a «Olimpiada Branca» terminou. E o mundo desportivo, e com ele a enorme legião dos operadores de cinema prepara-se para a «XI Olimpíadas», a realizar de 10 a 16 de Agosto do corrente ano.

Diferentes em beleza dos documentários da «Olimpiada Branca», os filmes da grande Olimpíada de verão são, porêsses. Vão bater-se «records», vão apressar-se, pela primeira vez, novos concorrentes, e a «câmara» vai fixar altitudes, realizações, tôdas as «performances» a que essa competição única dará lugar.

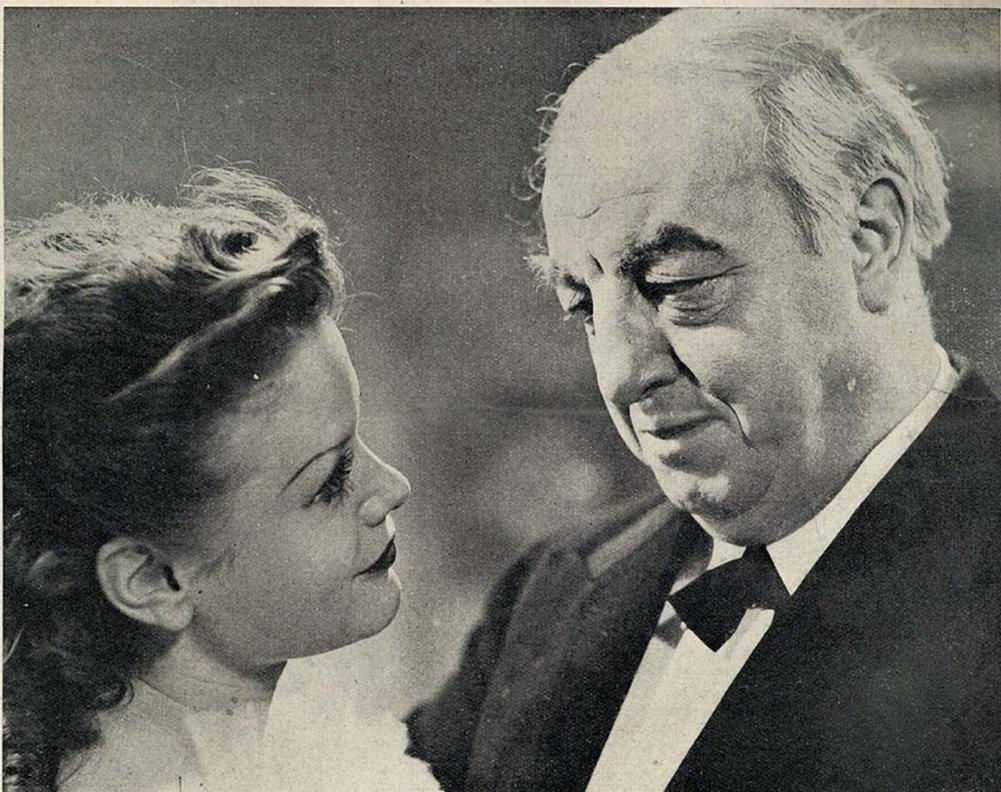
Vamos ver brevemente no Cinema Condes

LISBOA vai ver... dentro em breve, um filme admirável *Olhos Negros*, da série de ouro da produção francesa, que merece ser destacado da produção corrente, pelas suas altas qualidades artísticas e espetaculares.

A História

Olhos Negros tem um conflito sério, forte e de grande intensidade emotiva. A acção desenrola-se em Moscovo, em 1913, na Rússia de *avant-guerre*, na época do seu esplendor doirado, do seu pitoresco, do seu encanto.

O filme conta-nos o drama pungente da vida de um homem, que, por amor da filha, que cria no meio do luxo e dum fausto incomparáveis, se sujeita a uma vida dupla. De dia, arvora-se em *grand seigneur*, para convencer a filha do seu poderio e do seu



OLHOS NEGROS

valor. À noite, regressa à sua verdadeira personalidade, e é então o criado de café, mesureiro, cheio de «ronha», que protege todos os escandalosinhos mundanos e sabe

ser discreto, ante as «liaisons» à margem da legalidade, que êle fomenta e proporciona.

Um dia, êsse homem, que vive para a imagem dessa filha, uma rapariguinha frívola que é um amor, surpreende-a num gabinete reservado, com um D. Juan profissional, que tinha tanto dinheiro, como cabelos brancos!

O conflito é tremendo! O encontro, brutal!

Mas tudo se esclarece. O pai consegue salvar a filha dos enormes perigos que a ameaçavam — e ela encontra, no amor do professor de piano, o amparo e a tranqüilidade moral, de que tanto necessitava!

A Interpretação

A interpretação duma obra desta envergadura tinha que ser forçosamente, confiada a grandes artistas. E *Olhos Negros* tem, de facto, um «cast» formidável!

A cabeça da lista Harry Bauer, essa figura gigantesca da tela e dos palcos franceses, que nos *Miseráveis*, em *Um Homem de Ca-*

rácter e noutras obras de idêntica categoria, nos tem dado sobejas provas do seu valor.

No papel de pai, que tudo sacrifica ao bem estar da filha, e que, a certa altura, verifica que foi a educação, vasia, sem assistência moral, que êle lhe deu, o que a ia perdendo — Harry Bauer atinge as culminâncias do dramatismo e da emoção.

Simone Simon, a mais «exquise» das vedetas francesas, dotada dum «sex-appeal» e talento indiscutíveis encarna a curiosa figura da filha — essa deliciosa rapariga, que uma falsa ideia da Vida ia atirando para o monturo.

Mas outras figuras notáveis como Jean Max, Jean Pierre Aumont (o famoso galã), Viviane Romance, etc. — rodeiam êste grupo de intérpretes verdadeiramente notável.

A Realização

Turjansky dirigiu êste filme com a sua proverbial competência. A atmosfera da

Rússia, que lhe era familiar, foi tratada com um carinho inexcelível. A reconstituição do ambiente do velho Império, na época que o filme nos evoca, é notável. Depois, a música, executada, em grande parte pela magnífica orquestra Rode, imprime ao filme um encanto especial, aquela nostalgia das estepas, dum país e duma época que se foi.

A técnica do filme, admiráveis de justeza e de pormenor, tem na fotografia um índice espantoso de perfeição. Suzanne Chantal, a exigentíssima crítica francesa, afirmava que desejava para todos os filmes franceses, e até para os americanos, a espantosa fotografia de *Olhos Negros*, que Louis Née assina.

O diálogo, enfim, valoriza o filme sãbiamente, emprestando-lhe a dose de emoção e dramatismo necessário.

Os «OLHOS NEGROS» é distribuído, entre nós, por «Filmes Castelo Lopes, L.da», e será exibido no cinema Condes.



UM GRANDE FILME FRANCÊS COM SIMONE SIMON E HARRY BAUER



CORAÇÕES DESFEITOS

ENCONTRARAM-SE em circunstâncias curiosas. Foi um mero acaso que os juntou na sala do velho professor Thalma, de quem ambos haviam sido discípulos. Ele, celebrizara-se. O nome do maestro Franz Roberti andava em todas as bocas, como um gênio nascido para a Música. Ela, tinha ambições, recusara até o casamento dum rapaz de Wisconsin, a sua terra natal, para seguir a vocação — a música também. Mas, ao contrário do que sucedera com Franz, não conseguira passar a barreira que, uma vez transposta, ergue, dum dia para o outro, um nome, do anonimato à glória.

Doce, tímida, só, isolada do mundo, entregue à sua paixão pela música — vivia, dois andares abaixo do de Thalma, e dava lições de piano, para se manter numa modéstia decente!

* * *

O encontro perlubrara-a. Quando Thalma lhe apresentou Franz não soube dissimular o seu entusiasmo, o seu contentamento, ao ver, ali, ao pé dela, o homem que admirava extasiada, e que depois se habituou a amar devotadamente — muito, muito, porque o divinizará, porque lhe queria em silêncio!

Era a música corporizada, o varonil Franz Roberti, aos olhos daquela admiradora entusiasta e sincera!

Franz, porém, não deu por ela. Tímida, ferida no seu amor próprio, com receio de que a realidade brutal

Trocaram duas frases amáveis. Enleada, recebeu-o, surpresa. Franz declarou querê-la ouvir — mas noutra ocasião. E retirou-se abruptamente, tal como entrar, deixando Constança louca de alegria, pela perspectiva inesperada

ouviu, da sala, o som duma melodia conhecida. Franz ensaiava. Insensivelmente avançou, pela plateia deserta, cosendo-se na sombra. Uma cadeira, que gemeu nos gonços, fez com que Franz a surpreendesse.

E não quis saber mais do ensaio. Desprezou a companhia de John, o impenitente solteiro, e convidou Constança para ir jantar com ele, a sua casa.

* * *

Um jantar delicioso! Franz, conquistador dos mais ousados, experiente em «souters» galantes, foi um amfitrião

O FILME DE PHILIP MOELER
CONTADO POR FERNAND FRAGOSO

destruiu a figura que ela erguera em sonhos — Constança saiu, pé ante pé...

— Fêz mal, Franz! — censurou o velho Thalma. Essa rapariguinha teria tido uma hora de alegria, se você a ouvisse e se lhe desse duas palavras de incitamento. O que custa é começar. E ela começa agora...

Franz não retorquiu. Falou do assunto que o levava ali.

Quando desceu as escadas, ouviu uns acordes. Seguiu o som. E foi ter ao quarto de «Connie», a compositora «in-herbis», a quem não dera dez réis de importância, momentos antes.

que dera novo rumo, dum dia para o outro, ao platonismo romântico da sua paixão.

* * *

Aquela tarde em que Franz a surpreendeu na plateia imensa do teatro vazio, como se fosse um ladrão espiando a presa, a ouvir o ensaio da sua orquestra, precipitou o idílio.

Nevava, lá fora. Sob o manto gélido, Nova-York tremia. Constança viera de longe, para arranjar um lugar no «galinhheiro». Impossível! A casa estava totalmente passada. E foi então que



Armand Bernard, o impagável Mercúrio de «Os Deuses Divertem-se»

Durante um mês viveram, assim, juntos, como dois camaradas que se querem muito. Franz, o solteirão «entagê», o conquistador «sans peur et sans reproche», estava na verdade apaixonado. E casaram um belo dia, alegremente. Thalma foi o padrinho dela. John, o padrinho dele. Depois fugiram para a Europa, para gozar o seu amor, tranquilamente, longe do mundo ruidoso de Nova-York.

* * *

Foram meses inesquecíveis, êsses! Amor! Amor!

Viviam apenas um para o outro, sem ver outras imagens que não fossem as suas, sempre insaciáveis, mutuamente. Regressaram a Nova-York. Franz tinha que retomar a sua vida — e a época estava à porta.

* * *

O despertar, porém, foi brutal. Exclusivista, no amor, Constança não admitia que Franz, depois de a desposar, se ocupasse e preocupasse com outras mulheres. Um dia surpreendeu a verdade toda. O «encantos» quebrara-se. E abandonou o lar — para lhe dar toda a liberdade. Suportava o que fosse preciso — menos a mentira.

Corajosamente, procurou empregarse, como pianista, numa loja de músicas. Passaram assim quinze dias. Sen-

tia na alma uma sensação indefinível de vazio. Começava agora a pensar a precipitação do seu passo e admirava-se como lhe não perdoara, como não acedera a ficar, quando ele lhe pedira!

Com os olhos virados pelas lágrimas, rindo já da felicidade das pases feitas, correu ao telefone para lhe falar para casa, para lhe pedir que a fosse buscar sem demora.

Mas a resposta, de lá, varou-a, como uma punhalada. Franz partira para a Europa. Nada mais sabiam, nada mais podiam dizer...

* * *

Quando Franz, de regresso, passados meses e meses, a encontrou, num cabaré, ruidoso, onde se festejava o Novo Ano que nascia, não compreendeu logo a transformação, que nela se operara. Fôra simples. Enquanto pudera, lutara para se manter. Depois, sem arrimo, julgando-se abandonada pelo marido, começou a sair com John e a frequentar os cabarês da cidade...

E estava linda, no seu vestido branco, decotado! Franz dissera-lhe quanto sofrera, longe dela. Tudo parecia, definitivamente arruinado. Mas Constança rasgou-lhe as cataratas. Ele não via, porventura, que ela já não era a mesma?! Aprendera a conhecer a vida, fôra atirada para ela, pelo abandono a que fôra votada!

Franz compreendeu, então! De olhar turvado pela dôr e pelo desespero saiu do cabaré. Nesse instante, as luzes apagaram-se. O ruído aumentou. O ano novo nascia. «Um ano novo feliz!» «Um ano novo feliz!» gritavam em redor. Dentro daquela sala, dois seres, viam, com o advento do novo ano, ruir, para sempre, o seu lar — destruída a Felicidade!

* * *

Tôda a noite Franz andou, sem destino, pela cidade, como que atordoado. A verdade, a realidade brutal — quei-

nava-lhe o cérebro. Bebeu, o mais que pôde, nesse dia e nos seguintes.

Constança não quis usar mais o nome do marido. Para que trazer consigo a recordação perente dum passado feliz, que queria esquecer?

E foi-se divorciar ao Reno — onde tudo se faz com limpeza e facilidade.

* * *

Thalma foi o anjo da guarda da felicidade dêles. Foi êle que convenceu «Connie» a procurar Franz, que roriara, de degrau em degrau, e que se encontrava na última, na decadência. E foi encontrá-lo num «bar», anodorrado pelo que bebera. Soube falar-lhe ao coração. Indiferente, êle parecia esquecido do mundo, do que fôra — do que era. Um piano, ali ao lado, sugeriu a «Connie» um estratagemas.

As suas mãos correram pelo teclado. A canção de amor, que ela tão bem conhecia, ergueu-se, clara e límpida, na quietude do ambiente. Franz parecia acordar dum pesadelo. E de olhos marejados, Constança conquistava, palmo a palmo, a sua felicidade.

* * *

Foi grande o abalo que sofreu. Os médicos diagnosticaram uma comção cerebral. Constança, a seu lado, não mais o abandonou.

E quando, meses depois, reapareceu, regendo a sua orquestra, no meio dos aplausos entusiásticos do público, Franz abraçava ardentemente Constança nos bastidores e dizia-lhe, revendo-se na sua felicidade:

— É a ti que êles aplaudem sem saber, meu amor!

E Constança, ao bom John, que a queria desposar à viva força, disse-lhe apenas:

— Tinha que ser, John! Nunca deixámos de nos amar. Tudo isto lhe parece estranho, não é verdade?!... Não temos que nos revoltar! As coisas são como são. E ainda bem que, desta vez, feram assim!

FERNANDO FRAGOSO

STADIUM

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de ótimas e flagrantes gravuras por I escudo

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

f é m i n a

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

À VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a cores—Capa a cores

Esc. 1350

No dia do nosso Casamento...



meu marido confessou-me...

Nunca esquecerei a sensação que experimentei quando compreendi que o amor do meu marido tinha sido inteiramente inspirado pela minha pele branca e pela beleza do meu rosto fresco e aveludado como uma pétala de rosa. No entanto, a pele do meu rosto, um mês antes, era ainda áspera, cheia de pontos negros e de poros dilatados. Depois, obtive uma beleza nova e indescrevível graças ao emprêgo quotidiano do Creme Tokalon, Cór Branca (não gorduroso). Este é branqueador, tónico, adstringente e absolutamente inofensivo para a pele. Estou certa de que o efeito embelezador dêste Creme Tokalon, Cór Branca, ajudará toda a mulher a comover o coração dos homens.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

ONDULAÇÃO PERMANENTE sem fios e sem electricidade. — Processos modernos de muito maior comodidade. — Técnicos especializados



Academia Científica de Beleza

Avenida da Liberdade, 36

TELEFONE 21866

LISBOA

M'CAMPOS

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, L.da

Redacção e Administração: T. da Condesse do Rio, 27

Telefone 21368 e 21227

Comp., Impressão e gravuras BERTRAND (Lisboa), L.da

Trav. da Condesse do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano 48\$00

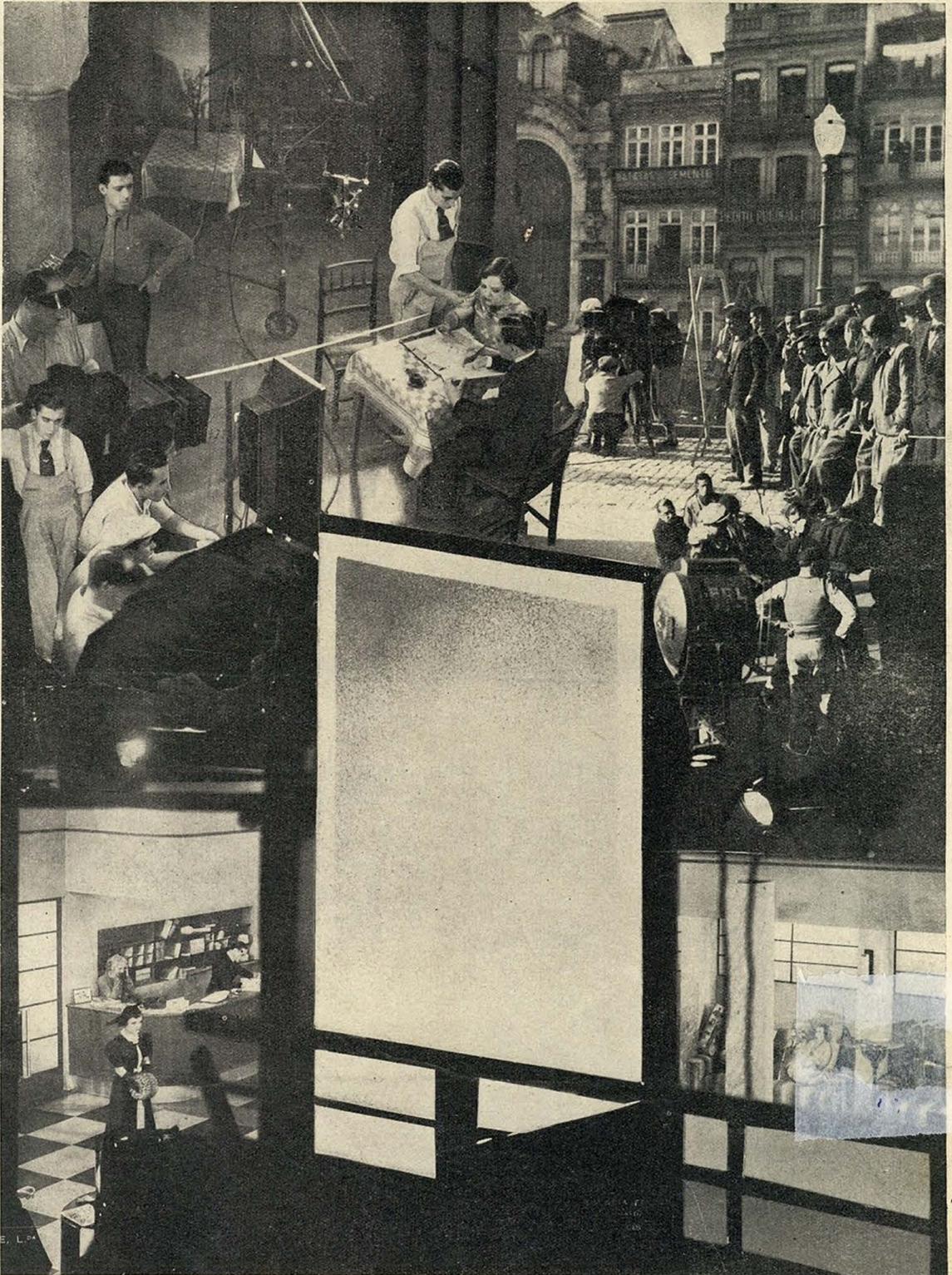
25 " 6 meses 24\$00

12 " 3 meses 12\$00

Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano... 65\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O TREVO DE 4 FOLHAS



A' medida que o tempo vai correndo, intensificam-se os trabalhos de montagem de "Trevo de 4 Folhas", que o público aguarda ansiosamente. Nesta página damos alguns aspectos das últimas filmagens

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 23 — 23 DE MARÇO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



★
Franchot Tone
+
Joan Crawford
★

Neste número: Como assistir, de graça, á «Matinée» de «CINE-JORNAL» no São Luiz!